

**OS MESMOS BECOS, OUTROS OLHOS: HISTÓRIA,
COSTUMES E MEMÓRIAS DA CIDADE DE GOIÁS NA OBRA
POÉTICA DE BERNARDO ÉLIS**

*THE SAME ALLEYS, OTHER EYES: HISTORY, CUSTOMS, AND MEMORIES OF
GOIÁS TOWN IN THE POETIC WORK OF BERNARDO ÉLIS*

Wanderson Alves Barbosa

Instituto Cultural e Educacional Bernardo Élis Para os Povos do Cerado
Academia de Letras e Artes de Anicuns Cadeira
gowanderson@gmail.com

Resumo. Este artigo apresentara um estudo da relação da obra poética do escritor Bernardo Élis com as mais diversas histórias, memórias e manifestações da Cidade de Goiás. Trataremos dessa cidade tão cantada nos versos do escritor com foco em toda geograficidade poética que desprende dela e dos seus habitantes. Emoções sentimentos e poesia nos acompanham nesse trabalho que discute poemas de “Primeira Chuva”, única obra poética desse autor, nele buscamos dialogar com a obra numa perspectiva fenomenológica, fazendo links com teóricos que discutem geograficidade e poesia, traçando assim uma ponte entre a realidade dessa incrível cidade goiana e suas diversas representações na escrita poética desse consagrado autor goiano.

Palavras chave. Cidade de Goiás, literatura, geografia, poesia, Bernardo Élis.

Abstract. This article will present a study of the relationship between the poetical work of the writer Bernardo Élis and the most diverse histories, memories and manifestations of the Town of Goiás. . Emotions, feelings and poetry accompany us in this work that discusses poems from “Primeira Chuva”, the only poetic work by this author, in which we seek to dialogue with the work in a phenomenological perspective, making links with theorists who discuss geographicality and poetry, thus drawing a bridge between reality of this incredible city in Goiás and its various representations in the poetic writing of this renowned author from Goiás.

Keywords. Town of Goias, literature, geography, poetry, Bernardo Élis.

Introdução

A construção imagética do próprio nome da cidade de Goiás hoje passa inevitavelmente pelo nome da poetisa goiana Cora Coralina, as narrativas da goiana estão permeadas de imagens, lembranças descrições e memórias dos mais variados tipos, porém, a menina feia da ponte da lapa não foi o único olhar sobre a beleza da cidade, não foi ela a única que cantou seus becos sua gente e os morros que emolduram esplendorosamente seus limites.

Quando falamos dos mesmos becos e de outros olhos apresentamos aqui o escritor goiano Bernardo Élis, que na sua curta e rara obra poética cantou tão belamente a cidade e os seus costumes, bem como os fazeres de sua gente e suas engenhosas e intrincadas teias de convívio.

A escolha do escritor goiano Bernardo Élis e de sua curta e pouco explorada escrita poética não se dá por acaso, há que se entender que sua obra de modo geral traz diversos e incríveis registros de vivências e costumes que delimitam sem dúvida as incríveis possibilidades de acessar os viveres e fazeres da gente da antiga capital do estado, a poesia de Élis desnuda Goiás e o cerrado goiano, traduzindo para o leitor as particularidades, histórias e sentimentos profundamente ligados a esse senso de goianidade expresso no modo de viver do povo vilaboense.

A história da cidade e as estórias na cidade

Não iremos recontar a tão repetida história de ocupação do território goiano, nem dizer outra vez da cuia ou do aguardente tão comuns a qualquer que recontar o enredo da ocupação desse grande território de cerrado que é o território goiano, mas ressaltamos antes que Bernardo Élis sempre foi sensível as dinâmicas de poder, e que essas dinâmicas não passaram despercebidas em sua forma de fazer literatura, ele deixou o registro poético falar sobre como o poder afetou a estrutura natural que existia antes da chegada dos homens “civilizados” por essas terras.

Os povos que trouxeram até Goiás — o estado — essa forma de ser, jamais passariam por um lugar sem lhe alterar as formas como exercício de seu poderio, esse choque assim não poderia ter passado por essas regiões sem deixar a marca de sua

presença, o poema o descobrimento de Bernardo Élis mostra esse choque da cultura invasora que na maioria das vezes imprime pela força a quebra do equilíbrio de povos e comunidades inteiras que são dizimadas e massacradas, assim como sua cultura, diante do olhar de poder do colonizador:

O DESCOBRIMENTO

Um tropel maluco
de mil patas
no seio das matas.
Um tiro de trabuco
deu um bruto soco
na quieteza virgem da paisagem.
E homens da cor-de-areia,
vindos da banda do mar,
chegaram à beira do Rio Vermelho,
resolveram-lhe os poços azuis
em que dormiam palhetas cor-de-brasa
e deitaram-lhe fogo às águas claras.

E o velho pajé muito velho,
cabeça branca das cinzas de muitas eras,
num esgar medonho de fera,
gritou: Anhanguera, Anhanguera!

Os homens da cor-de-areia
bateram e venceram a nação dos Goiás.

Mas na noite viúva,
quando o fogo sagrado lambeu a lua,
- rascar de maracás,
- zás-trás, zás-trás,
- tutucar de tantãs,
- grito de agouro: acauã-acauã,
abriu-se na mata a flor do sumaré.
E o velho pajé muito velho,
num gesto hierático de bárbaro,
erguendo as mãos para o céu,
clamou: tupã, tupã!

O verde novo da floresta
tinha um ar alegre de festa,
E os homens da cor-de-areia,
vindos da banda do mar,
foram tombando à beira
da fogueira que tingia a noite,
suando de frio, tremendo de calor.

E o verde alegre da floresta
tinha um ar novinho de festa.
(ÉLIS, 1971, p. 13)

O poder está aí calçado na chegada dos colonizadores, o pensamento claro aí explícito é o poder do branco europeu — aqui representados como homens da cor-de-

areia— e de sua cultura que na maioria das vezes destroça formas de conhecimento milenares, que dificulta toda a organização dos povos dos lugares onde chega e que muda drasticamente a forma com que lidam com a terra e se concentram num ideal comum de cultura e sobrevivência.

O que se vê nos poemas de Élis é uma maravilhosa relação entre a literatura e a geografia, na qual desponta a paisagem que é segundo BACHELARD o elo de ligação para um entendimento da poética da cidade, nesses registros o poeta goiano critica o dito progresso que vem resignificar desemboca quase que sempre na criação do núcleo urbano ligado a classe ou grupo dominante, não diferente da maioria das culturas. Tudo isso do descobrir de um novo espaço quase que inevitavelmente termina no surgimento ou no “desenvolvimento” da cidade.

A criação da cidade é por si só a manifestação da força do território, ela tem o poder de catalisar tudo o que é simbólico no poder e fazer disso algo tangível, é na polis que as civilizações sempre marcaram na história sua ascensão, apogeu e queda. Na obra de Bernardo Élis a Cidade de Goiás aparece sempre atrelada ao seu passado, a cidade é vista no viés de sua história e boa parte do que ela é decorre dessa historicidade bem marcada, isso é o que percebemos da leitura do poema Goiás:

Goiás

Parece haver fantasma de Bandeiras
passeando pelas ruas estreitas e sombrias,
– as casas baixas se escorando umas nas
outras pela encosta arriba
(Rua da Abadia,
Casa da Pólvora,
Bica el rei...)
Já vai tão longe o tempo
em que a busca do ouro
era a grande ambição!

(Palácio dos Arcos,
dos Távoras, Rua da Fundação...)

copas de grandes cajazeiras
sujando a brancura das calçadas
com o preto frescor das sombras úmidas.

(Águas férreas,
Morro das Lages,
Largo da Força, onde aparecer assombração...)

Parece que vi dois vultos
vestidos de couro,

calçados de botas,
barbudos, grandões,
no escuro do beco
jogando as espadas!
(ÉLIS, 1971, p. 16)

Nesse poema ficam claros tanto a citação da cidade de Goiás quanto todo o significado de sua existência como consagração de um tempo em que as bandeiras andavam pelo chão do cerrado estabelecendo o território do poder, matando os povos originários escravizando outros de terras distantes e através das múltiplas trocas culturais estabelecendo seus limites e dando as bases para as diversas territorialidades que são perceptíveis na obra poética Bernadeana.

Costumes e paisagens, uma intrincada relação

A paisagem é um dos primeiros elementos a se pensar com quando se estuda geografia e literatura. (MARANDOLA, 2006) Assim mesmo quando o tema parte para os aspectos mais antropológicos é a paisagem que faz a ligação desses com o lugar do qual se fala. Estudos anteriores já falavam da detalhada riqueza descritiva dos relatos literários e sua superioridade aos próprios textos científicos geográficos. Assim a paisagem descritas nos poemas fazem o link necessário entre as assuntos mencionados e os lugares, pois é nos lugares que as pessoas desenvolvem suas dinâmicas existenciais. Partindo desse grande amontoado de links trazidos pela literatura de Élis é preciso aceitar o quanto eles são volumosos, como é volumoso e abrangente seu olhar que engloba todos os entes sob um mesmo grande guarda chuvas que é a goianidade, seus personagens retratam a trama de ser goiano e são os mais variados possíveis, nas palavras de Gonçalves (2020):

Sua narrativa traduziu a sociedade de seu tempo com suas contradições e conflitos. Apreendeu um Goiás e um país em transformação, mas, com rugosidades que insistiam em manter-se atravessadas na cultura, exploração do trabalho, concentração de terra e tramas políticas urdidas por coronéis e seus jagunços. Sua literatura não olvidou os gritos e as dores dos esfarrapados da terra, analfabetos, deficientes, pilhados e feridos. Denunciou a desigualdade, a injustiça, o desmando e o uso impiedoso da força e da brutalidade da classe dominante contra a classe trabalhadora, camponeses, garimpeiros, agregados e sem terra. (GONÇALVES, 2020. p. 89)

Ao analisar da literatura de Élis e especificamente esse sem número de personagens que ele representa com sua escrita, podemos facilmente encontrar esses personagens nos espaços da cidade, o que é de certa forma meio lógico uma vez que ao

se fazer uma análise dos costumes citadinos é quase impossível fazê-lo sem mencionar os lugares e seus habitantes, até porque é no lugar que se dá o desenvolver de todas as tramas literárias e é no mesmo lugar que também se dá toda perspectiva geográfica; na análise da obra poética de Élis o leitor se sente como que controlando um avatar, no qual usando os olhos do autor se é possível passear pela cidade e escutar sua gente nos seus afazeres, a gente goiana salta cheia de vida das páginas plenas de sentimento do autor corumbaense que eternizou a antiga capital nos seus versos, a exemplo disso apresentamos o poema Madrugada:

Madrugada
Agora,
o sino do Rosário tocou para a missa das quatro.
Na madrugada claramente rosada
Meninos gritam: — bolo de arroz quente,
bem quente!
Mulheres passando com potes d'água na cabeça,
o cuitezinho boiando na água morna da madrugada.

O vento morno
sopra o neacho dos coqueiros da Bahia,
onde já cantam os pássaros-pretos,
tão alegres,
tão bonito.

Minha vó
vai para a igreja
rentinha da parede
por causa do vento que zumba na rua.
Minha vó tem passinho miúdo,
a cabeça metida no seu chalé prêto.

Os sinos batem.
Uma corneta rabisca no dia que ensia
a curva bélica dum toque de alvorada.
Tão claro,
tão diáfano.

Os coqueiros da Bahia estão tremendo
na transparência azul de um céu ardente.
(ÉLIS, 1971, p. 19,20)

Num só poema como esse é possível identificar um amontoado de referências a costumes e lugares, como anteriormente dito viajamos com o autor pela cidade e por uma época. O sino do Rosário marca o lugar, as mulheres com seus potes de água na cabeça fazem lembrar o tempo em que o saneamento básico e a torneira ligada a “água da rua” ainda não eram comuns, somos transportados para um outro tempo e um

outro modo de vida, outra forma de manutenção das coisas, das casas e da própria ordem da vida, que seguia num passo diferenciado existência a dentro.

Ainda no primeiro verso do poema *Madrugada* duas coisas chamam a atenção, o pregão dos meninos gritando pelo bolo de arroz e o mulherio com potes que se segue, esses dois tão humanos são drasticamente quebrados pela passagem da avó envolvida num xale preto, marca das mulheres casadas ou viúvas que por força do rito católico ¹tridentino cobriam a cabeça para entrar nas igrejas a aquela época.

Essa capacidade que a literatura tem de registrar uma época, seus costumes e assim dialogar com as outras ciências é algo incrível; o dia a dia da cidade fica registrado nas minúcias de seus fazeres e na clareza dos detalhes do narrador, como vemos nesse poema retratando o Poço do Bispo e que leva o mesmo nome:

O Poço do Bispo
Não bole um só folha de mangueira
O sol cai vertical
Sufocante de calor.

Que vontade de tomar banho no poço do bispo,
Dar um de-ponta do tope da gameleira
E depois ficar olhando as lavadeiras bater roupa
Nas pedras polidas do rio

Que vontade...
Tanta lavadeira bonitinha.
(ÉLIS, 1971, p. 24)

A parte narrada pelo autor nos faz entrar num mundo onde a sensação de pertença nos inunda. O autor nos faz viajar para um lugar pleno de pertencimento, como se ele nos escrevesse uma carta na qual está contida a descrição de um lugar que é tão nosso quanto dele, um lugar de uma poesia plana de pertencimento.

¹Conhecida popularmente com a missa em latim, o rito tridentino ou Missa Tridentina é a liturgia da Missa do Rito Romano contida nas edições típicas do Missal Romano, que foram publicados de 1570 até 1962.

Uma poesia plena de pertencimento

Passaremos a análise dos sentimentos na relação com os lugares, esses lugares donde deriva toda a identidade e senso de pertencimento do indivíduo, geralmente é deles que o ente parte para estabelecer seus limites, enquanto comunidade humana tanto como grupos organizados ou como um simples indivíduos, é inegável que os sentimentos nos acompanham desde que fomos despertos para essa forma sutil de experimentar. É interessante ponderar que enquanto grupos estamos ligados a sentimentos que possuem um papel geográfico no sentido de que ligam os homens aos seus espaços de vida, assim quando falamos de uma territorialidade de sentimentos queremos nos embasar nesse sentimentos individuais e coletivos que norteiam as relações com os espaços compartilhados, é essa geografia das sensações que com suas novas abordagens vem abrir uma nova perspectiva as tradicionais e fazer com que as experiências de análise sejam mais profundas e vinculadas as vivências dos povos e não somente as suas origens, privilegiando assim o relacionamento com o lugar mais do que os simples estar e pertencer.

Diferente da perspectiva racional da ciência —os sentimentos— tocam a parte irracional humana, aquela que está contida no mais profundo de nossas vidas e motivam nossas ações e atitudes, e é isso que Persi nos diz quando afirma:

Sentimentos e emoções formam uma parte importante e integram a vida humana. Tocam a parte menos racional, ou melhor, irracional por excelência, e por isto ignorada pela cultura racionalista do passado (PERSI.2010. p. 201)

Todo esse sentimentalismo geográfico está arraigado a nossa forma de ver a vida e de agir, o que influencia de forma significativa nossa forma de ver o mundo, ele se torna o fundamento de nossas escolhas e a organização de tudo aquilo que entendemos como necessário a vida e a existência. A poesia de Élis como retrato da vivência das gente goianas alcança esse desdobramento na vida cotidiana uma vez que é exemplo eficaz do modo de viver em Goiás. Especificamente a Cidade de Goiás como se apresenta na poesia de Élis e estudada de uma perspectiva fenomenológica é capaz de num mesmo espaço imenso delimitado por fronteiras fazer coexistir vários lugares de sentimentos. O autor faz o registro faz Isso porque nas palavras da geógrafa goiana Maria Geralda Almeida do IESA:

O sentido não é um dado, mas uma elaboração intelectual que o leitor deverá decifrar. O sentido, portanto, deve ser buscado e a pessoa e a vida do autor nos assistem no trabalho de interpretação para limitar ou, pelo menos, balizar o leque de interpretações possíveis. Entre os geógrafos humanistas a individualidade do autor torna-o soberano no seu papel de revelador ou de intérprete do sentido dos lugares e dos meio sociais onde ele viveu. (ALMEIDA, 2010. p. 145)

No espaço da Cidade de Goiás com suas cercanias planas do cerrado é que a identidade dos diversos grupos que ali vivem se unem em comunhão e por fim transbordam essa identidade que flui do sujeito na sua relação com o meio e se revela a nós pela escrita do autor, nas palavras da geógrafa supracitada: O lugar de origem inculca identidade ao indivíduo e ao grupo. (ALMEIDA, 2010) . No viés dessa discussão o lugar do eu lírico de Bernardo Élis é definitivamente o chão goiano e cerradoeiro, as suas tramas se dão nesses territórios aqui apresentados, e é neles e pela memória deles que o eu lírico desagua toda a torrente de emoções que calçam a sua obra. É possível ver que o relacionamento do escritor com as minúcias trazidas pelo pertencimento, estão contidas no que ele escreve, seus textos possuem a verdadeira essência de vida de uma geração que se espelha nos modos de vida e nos fazeres para por fim retratar de dentro a identidade de um povo no seu vestir, sentir morar e pertencer, como nesse trecho sutil do poema meio dia:

[...]A soalheira embebeda as ruas pasmadas.
Quem será, minha gente, que toca flauta
por trás das persiana?
Passam réguas de cargueiros gementes,
matracando as pedras das calçadas.
— Oia a lenha!
A soalheira branca
jogo polvilho nas ruas,
nos telhados nas calçadas.
Na frescura dos páteos ensombrados,
Abrem-se bocejos baços de cisternas,
Na umidade verdolenga das avencas.

O chafariz do lago esta encolhidinho da Silva
faz cento e muitos anos,
pronto pra pular no Cantagalo,
— um desmoronamento verde sobre as casas.

Nos longes,
a Serra dourada rebrilha e faísca,
numa visão alucinante de Bandeirante em delírio.
(ÉLIS, 1971, p. 21,23)

O sentimento pujante e o conhecimento das sutilezas da cidade como lugar de morada, espaço onde acontece a trama da vida fica clara, o texto do poema é entrecortado

de uma doce narrativa que marca a cidade com uma verdadeira mostra de conhecimento, para quem tem o mínimo de conhecimento da cidade fica extremamente fácil se posicionar de pé lendo a narrativa e realmente ver tudo o que aqui é narrada tamanha a fidelidade do autor, porém o que se destaca e que serve de apoio para essa escrita é a pertença que ele evoca ao escrever sobre o dia a dia da cidade de sua infância, o retrato da vivência do povo.

A voz lírica que aparece nesse poema esconde o grande crítico social e ativista da causa dos oprimidos como é costumeiro a Bernardo Élis, aqui nessa narrativa o eu lírico é só um vivente a experimentar a experiência da cidade como um comum, ele nos transporta para a cidade de seu sentimento, é possível ouvir os gritos na rua, o estalar das rodas dos carros de boi nas pedras e ainda o frescor que sai da cisterna aberta bem no pátio da casa, com suas avencas verdinhas nas beiradas, mostrando que ali o líquido da vida está abundante em qualquer estação do ano.

Ainda falando da água esse líquido tão necessário a vida, parece que sua necessidade a faz conformar com todas as necessidades, e é a ela que devemos grande parte das produções artísticas de que produzimos enquanto espécie, uma vez que é impossível retratar realidades ou costumes sem mencionar a fluida água, que é o que mais uma vez nos aparece aqui no poema *O Rêgo*:

Queriam canalizar
As águas pro monjolo
Mas o que abriram foi um rêgo de céu
Agora
A manhã fugiu do céu
E veio morar dentro do açude.
De tarde
o céu entorna o crepúsculo no açude
(ÉLIS, 1971, p. 58)

Sejam as velhas cisternas ou os persistentes monjolos, todos são marcas vindas desse tempo em que as casas da cidade eram parecidas com as casas do campo, os sentimentos aí expressos estão ligados de forma íntima com as vivências dos povos do cerrado e principalmente com o camponês, o homem da roça que vive naquelas casas antigas que povoaram a infância dos que nasceram nos anos 80 e que visitavam as lonjuras das casas de fazenda, e que eram acessíveis também nas cidades interioranas como a cidade de Goiás. Esses territórios que Borges (2016) tão bem destaca em sua tese de doutoramento e que trazem a acepção por excelência de símbolos de um outro tempo,

num dos seus trechos fala desses símbolos atemporais da forma de morar e sentir o espaço da vida, segundo ele:

Nessa condição, se deu a relação com o lugar da vida, aonde marcas vão se materializando e subjetivando (objetos e comportamentos) como símbolos de uma existência. Tais marcas mais que o ordenamento espacial compõem a paisagem da vida sertaneja em Goiás. (BORGES, 2016. p. 106)

Muito se poderia dizer de todas as formas de casar e escrever a geografia da cidade e sua coexistência da existência no território do cerrado, mas é impossível esgotar as possibilidades no espaço de que dispomos, resta dizer que há ainda muito mais a se pesquisar e registrar, e que precisamos buscar sempre essa ligação nos vários testemunhos literários escritos nas regiões em que estudamos, como bem disse ANJOS (2017) a literatura oferece temáticas estimulantes para a investigação geográfica, colaborando com o aumento das possibilidades de estudos de uma ciência que, por sua etimologia, ambiciona construir uma escrita {grafia} da terra {geo}.

Os povos da cidade

Como toda literatura de Bernardo Élis, além da riqueza de vocabulário, da grande mostra de goianidade e da beleza gratuita de suas construções, os seus escritos tem o poder de nos presentear com profundos relatos dos costumes e dos fazeres dos povos retratados, e é como disse Canedo (2016):” *poderíamos pensar a poesia de Bernardo Élis, partindo do pressuposto de uma escrita que não se revela social à primeira vista, mas que, no entanto, ultrapassa, de forma reflexiva, o aparentemente trivial e descompromissado*”. Isso tudo que aqui se diz comprova que não importando a consequência que isso viesse a trazer, Bernardo Élis discute sem temor as mazelas sociais como os abusos de poder dos ricos, a pobreza e sofrimentos dos negros, a subjugação feminina e a humilhante situação do camponês diante do latifundiário; e isso tudo mesmo em sua tão rara obra poética fica de fora, como diz Canedo (2016) na citação acima, essa reflexão social não fica disfarçada, ela aparece pujante entre um poema e outro, retratando sem comedimento os abusos e injustiças sociais perpetuados na cidade.

No poema Natal o autor fala de uma cena muito comum nas casas repletas de criados, mão de obra muitas vezes barata que resultou do fim da escravidão e da consequente redistribuição e recolocação dos negros não mais escravizados na sociedade,

assim, as casa estavam sempre servidas de mão de obra negra na pessoa das criadas agora numa espécie de subemprego e daquela mão de obra do agregado que era recebido no seio familiar com alguém que era “quase da família” mas que não recebia nenhum tratamento condizente, vejamos o retratar disso no poema do autor:

Natal
De manhã cedo,
quando os meninos acordaram para a missa,
tinha brinquedo, toda a vida sobre a cama,
nos sapatos,
nas janelas
e foi uma algazarra o dia inteiro.

O filho da criada,
²um pretinho feio
olhava de longe com cara adulatora de cachorro
rindo servil das graças mais sem graça,
na esperança de ter ao menos um brinquedo.
Mas os outros eram maus:
Batiam-lhe sem dó porque pegava na bola de vez em quando.

De noite,
os meninos dormiram chorando.
os bonecos tinham-se partido,
a bicicleta era tão feia...
Mas o negro, coitado,
esse sonhou que estava brincando com o tamborzinho.
(ÉLIS, 1971, p. 59)

O texto acima exemplifica de forma eficaz não só o tipo de tratamento reservado ao negro pobre, como também a sensibilidade de Bernardo Élis em sua leitura da cidade, ele faz de uma forma magnífica as leituras sociais e históricas sem confundir com simples ficção, nas palavras de Barbosa (2020) “...a escrita de Bernardo Élis traz essa mágica de fundir fatos históricos com um romancear rico e gostoso que faz perder o limite entre a realidade histórica e a ficção a qualquer olhar que não seja afinado com a verdade documentada dos fatos.” (BARBOSA, 2020. Pag. 2)

Entre os povos da cidade e seus registros não poderíamos deixar de marcar o acento nas páginas literárias goianas a questão da prostituição na Cidade de Goiás. Mesmo sendo algo antigo, aquela que é considerada popularmente como “a mais antiga

² A grafia do numeral um é originalmente escrita na edição de 1971 como uma, porém foi aqui corrigida por não concordar com o restante da frase e por termos entendido que se trata de erro de edição.

profissão do mundo” não passaria de largo a Cidade de Goiás, ela que é como o dizem muitos estudos uma forma de mercancia comum em regiões de garimpo, desde muito cedo foi percebidas por aquelas bandas e ficou registrada na história oral e na produção escrita de vários autores. esse mesmo registro poético também foi feito por Cora Coralina (1987) e também por Bernardo Élis que tendo centrado em si outros famosos olhos poéticos, descreveu essa região de meretrício de uma forma um pouco mais sutil do que a usada pela poetisa dos Becos de Goiás, que era bem mais explícita ao falar desse tema, tanto que ele aparece em diversos poemas seus como “Mulher da vida” e “Becos de Goiás” ambos na obra *Poemas Dos Becos De Goiás e Estórias Mais* que também faz excelente narrativa da cidade e do tratamento dessa espezinha flor das calçadas dos becos:

[...] “Mulher-dama. Mulheres da vida,
perdidas,
começavam em boas casas, depois,
baixavam pra o beco.
Queriam alegria. Faziam bailaricos.
- Baile Sifilítico - era ele assim chamado.
O delegado-chefe de Polícia - brabeza -
dava em cima...
Mandava sem dó, na peia.
No dia seguinte, coitadas,
cabeça raspada a navalha,
obrigadas a capinar o Largo do Chafariz,
na frente da Cadeia. [...]
(Coralina, 1987. Pag. 105)

Além da patente situação de abandono necessidade e desprezo, pelo retrato poético de Coralina (1987) essa mulheres ainda tinham que passar pela humilhação da cabeça raspada e do trabalho forçado no Largo do Chafariz. Bernardo Élis por sua vez olha também para essas mulheres ultrajadas que são trancafiadas nos lugares sujos da cidade para não toldar a moral das moças de família e seu ambiente.

A região do meretrício sempre mereceu os lugares mais afastados e escondidos, uma característica patente dos lugares marginalizados. Se nas cidades mais antigas sendo perguntado a qualquer pessoa mais velho onde ficava a rua do cabaré logo se daria notícia dessa por alguém, na Cidade de Goiás coube aos becos guardar esse lugar de estigma, sendo conhecido conforme nos narra Cora Coralina como “lugar de gentinha”. Élis (1971) de uma forma um pouco mais sutil fala dessa realidade no seu poema “Femininas

do Beco” um outro retrato por esses outros olhos corumbaenses que também se familiarizaram com a cidade:

Femininas do Beco
As mulheres do beco
vivem às claras,
de portas escancaradas.

Entram homem,
saem homens:
uns fumando, de chapéu,
outros calmos, assoviando.

As vezes há gritos,
mortes, raramente.

Mas um São Caetano,
maliciosamente,
pula o muro.
(ÉLIS, 1971, p. 62)

Nesse trecho (ÉLIS, 1971, p. 59) nos mostra um retrato semelhante e um pouco mais estilizado que o de Cora Coralina, nisso o escritor faz algo que é muito comum nesse tipo de literatura poético geográfica, ele faz um retrato da cidade e do povo, criando uma ligação forte entre ambos e imprimindo nela seu estilo, isso tudo sem deixar de contar as mesmas coisas.

Outro personagem com a cara da cidade é a lavadeira, presente nas canções nos poemas e retratada por diversos artistas ela está sempre presente plena de identidade como o próprio Rio Vermelho, na lavadeira acessamos essa geopoética e também a mística do rio, esse mesmo rio que é: “ O consolo de um psiquismo doloroso, de um psiquismo enlouquecido, de um psiquismo esvaziado será facilitado pelo frescor do regato ou do rio. Mas é preciso que esse frescor seja falado. Será preciso que o ser infeliz fale ao rio”. (Bachelard, 1989, p. 202)

Essa dinâmica do rio é uma dinâmica é observada também na poesia bernardeana no poema O Poço do Bispo que diz:

O Poço do Bispo

Não bole um só folha de mangueira
O sol cai vertical
Sufocante de calor.

Que vontade de tomar banho no poço do bispo,
Dar um de-ponta do tope da gameleira
E depois ficar olhando as lavadeiras bater roupa

Nas pedras polidas do rio

Que vontade...
Tanta lavadeira bonitinha.
(ÉLIS, 1971, p. 24)

Como se nota aqui, o Rio Vermelho esse magistral tão presente no cotidiano da Cidade de Goiás é o refrescar da criançada, a fonte de alimento dos pescadores e o ganha pão das lavadeiras, essa mulheres atemporais que ganham as telas e as páginas Brasil a fora sempre majestosas, a maioria mulheres negras que fizeram o encanto de muitos observadores da paisagem da cidade na década de quarenta, dentre eles ³Alois Feichtenberger que deixou para a posteridade esse maravilhosos registro das lavadeiras do Rio Vermelho:



Imagem: Lavadeiras do Rio Vermelho. Fotografia de Alois Feichtenberger 1930

Quando falamos dessa relação de Bernardo com as coisas goianas e vemos seu cuidado com a gente simples em seus poemas e entendemos bem o sentimento que o movia. Por ler nele sobre lavadeiras, prostitutas, criadas e uma grande soma de gente

³ Alois Feichtenberger foi um fotógrafo de origem austríaca que se tornou um dos pioneiros da fotografia em Goiás, tendo deixado sua marca com registros importantes como os do período da construção da nova capital goiana.

pobre e marginalizada, entendemos o cuidado e apreço de SILVA (1974) quando brilhantemente resume seu sentimento quanto a capacidade de Bernardo Élis de denunciar os maus tratos a gente preta e mestiça e a todos os empobrecidos da sociedade por ele retratada:

Não se quer ofender os melindres de ninguém, mas Bernardo Élis é certamente a figura maior no elenco dos escritores de Goiás. As personagens de seu agrado são os injustiçados, os humildes, a grande galeria que vive no submundo da injustiça social, onde estão os negros, os mulatos, a grande família dos amorenados. (SILVA, 1974 p. 63).

Os injustiçados de que SILVA (1974) menciona estão nessa obra poética nos mais diversos lugares, são loucos, moleques, malandros, negros de todos os cantos, mulheres fora do padrão e toda sorte de gente destoante que retrataremos aqui com o respeito de quem segue os olhos denunciadores (de injustiças) e poéticos de Bernardo Élis.

Falamos da injustiça conforme narrada por ÉLIS (1971) em seus poemas como integrantes de um coro de pesquisadores, contemporâneos, amigos e leitores que esmiúçam dioturnamente sua obra, dentre os pesquisadores cito GONCALVES (2016) que faz uma profunda e poética descrição dessa já mencionada capacidade empática de Bernardo Élis:

Sua narrativa traduziu a sociedade de seu tempo com suas contradições e conflitos. Apreendeu um Goiás e um país em transformação, mas, com rugosidades que insistiam em manter-se atravessadas na cultura, exploração do trabalho, concentração de terra e tramas políticas urdidas por coronéis e seus jagunços. Sua literatura não olvidou os gritos e as dores dos esfarrapados da terra, analfabetos, deficientes, pilhados e feridos. Denunciou a desigualdade, a injustiça, o desmando e o uso impiedoso da força e da brutalidade da classe dominante contra a classe trabalhadora, camponeses, garimpeiros, agregados e sem terra. (GONÇALVES, 2016. p.)

Os loucos são uma predileção nas literaturas feitas por todo o mundo, toda comunidade tem seu louco mais famoso e os escritores tem predileções por esses tipos que em idos tempos e ainda hoje, amedrontam crianças e até adultos com sua excentricidade ou originalidade como diria o Grande escritor brasileiro Ariano Suassuna. Com Bernardo Élis não seria diferente, ele nos registros personagens loucos deixou

celebre seu conto André Louco já inclusive transformado em filme sob direção da célebre cineasta goiana ⁴Rosa Berardo.

Em sua poesia o escritor corumbaense deixa o registro do louco em sua relação com a cidade nesse maravilhoso poema cheio desse sentimento de pertença:

LUIS LOUCO

Só gostava mesmo de enterros:
adiante a cruz da irmandade,
depois um dominicano
de sobrepeliz lendo salmos,
no seu passãõ de estrangeiro,
depois o sacristão
com água benta e campainha na mão.
Depois, depois de tudo
é que vinha o caixão
e mais atrás ainda Luis Louco
levando tamboretas
pra sustentar o ataúde nas horas de descanso.

Por seu gosto,
só morriam habitantes
de perto do areião,
lado oposto ao cemitério.
Que maravilha! Acompanhar
por mais de duas horas o caixão,
os sinos de todas as igrejas batendo,
o passo dos homens pesado nas pedras,
retumbando nas janelas fechadas...

Hoje quando passa o carro de defuntos
Luis Louco diz um palavrão.
(ÉLIS, 1971, p. 37)

Nas ultimas duas linhas fica evidenciado uma saudade do eu lírico plasmada em Luis Louco, de coisas que não mais acontecem, de coisas que marcam a infância e os velhos tempo da cidade, das coisas que ficaram para trás com o progresso que a tudo muda.

Para SUZUKI (2010) esse novo tempo que vivemos se acelerou o tempo, e é esse sentimento que permeia boa parte dessa obra poética de Bernardo Élis, que marca uma transição e seu registro profundo, em suas palavras:

A modernidade imprimiu um aceleração do tempo. A velocidade com que se dão os processos de deslocamento das informações, das pessoas, das mercadorias, bem como aqueles

⁴ Rosa Maria Berardo, é fotógrafa, professora, jornalista, roteirista, produtora e cineasta brasileira, conhecida por seu trabalho de produção de imagens fotográficas e filmicas sobre cultura, identidade cultural, alteridade, gêneros e etnias.

relacionados à dinâmica social, teve um aumento considerável se levarmos em conta as necessidades temporais da antiguidade e do feudalismo para situações similares, porém não idênticas.

É nesse contexto de transformações temporais, marcadamente sociais, econômicas e políticas que se constitui o indivíduo e a cidade moderna. (SUZUKI, 2010. p. 246).

Essa mudança conforme aí posta e marcadamente enunciada em alguns poemas como *A cachaça do meu avó*, que tem a palavra *cachaça* não como o líquido alcoólico tão conhecido dos brasileiros, mas como um vício saudosista que marca uma transição de comportamento numa sociedade, pode com certeza clarear esse saudosismo exacerbado que povoa a literatura do autor:

A CACHAÇA DE MEU AVO
A cachaça de meu avô
eram carros de bois.
Que paixão besta!
Meu avô estava comendo às pressas,
já eram nove e meia da manhã
e o expediente da Repartição
começava as dez em ponto, mais ou menos.
Gritos de lenheiro enchiam as ruas:
—Oia a lenha!
—Burro diacho!
Da casa dele à Repartição
era um pedaço bom de chão.
Mas se um carro de bois
cantava perto,
passando por sua porta, na rua da Estrada,
meu avô largava o prato
e voava a ver o carro.
— Como vai, seu capitão?
Os carreiros todos o conhecem
(O chefe nesse dia que o cortasse.)

Até hoje; meu avô vai chispado no Ford do filho,
mas vê um carro de bois,
manda parar e desce.
— Como vai, meu capitão?
Os carreiros todos o conhecem ...
E passa o resto do dia falando em carro,
falando em bois,
falando em coisa antiga
que já ninguém conhece.
(ÉLIS, 1971, p. 32, 34)

A cachaça do meu avó, finalizando esse trabalho, vem transbordar esse sentimento saudosista e de pertencimento as coisas da terra que permeia a obra poética de Bernardo Élis. Quando de seu lançamento, nos anos que vieram depois e ainda hoje é esse o papel

de seus textos, denunciar, rememorar e informar; sempre com a mais afinada melodia poetizada.

Conclusão

A conclusão desse trabalho se dá com a ideia de que ele evoca uma continuação, não como uma declaração de incompletude, mas como uma urgente necessidade de expressão do quanto a poesia de Bernardo Élis é polivalente, abrangente e atemporal; tudo isso sem deixar de ser simples e completamente empática. Ao estabelecer os limites finais desse trabalho temos a sensação de que poderíamos nessa obra de quase quarenta poemas explorar com certeza de bons frutos qualquer tema da seara humana sem ter prejuízo de material.

Contudo para nos atermos a seriedade e rigor científico passamos a considerar aqui nossa percepção dessa escrita poética sob o prisma analisado, a saber a Cidade de Goiás. Nesse livro *Primeira Chuva*, Bernardo Élis nos apresenta versos que trazem em si tanto telurismo e vivacidade que podemos passear pela vívida descrição de todas as paisagens por ele narradas; mais do que somente oferecer um bom gosto estético e excelente recurso estilístico, a obra no que tange aos temas da geografia da cidade e da própria geografia em si, traz tanta verdade as discussões que se torna impossível não se deter na análise humana e empática que o autor faz dos lugares na sua relação com as comunidades.

Vemos nas construções poéticas da obra analisada uma profundidade de dados históricos mesclados a uma profunda análise dos costumes que nos aproximam do real e fazem surgir diante de nós a pura imagem da goianidade. Tudo isso somado a capacidade de mesclar fatos reais com uma escrita ricamente poetizada faz um novo mundo fluir da cidade, como se as paredes ficassem humanizadas e conosco falassem contando as histórias e estórias dos velhos tempos vilaboenses. Uma perspectiva crítica decorre de cada análise geográfica, histórica e política, mostrando de forma sutil, mas não menos denunciadora cada opressão e denunciando cada um daqueles atuais velhos problemas que nossa sociedade teima em fingir não existirem.

Referências

ALMEIDA, Maria Geralda . in **Geografia e literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação**. Londrina: EDUEL, 2010. 354 p.

ANJOS, M. **Breves apontamentos sobre a relação entre geografia e literatura**. *Ateliê Geográfico, [S. l.]*, v. 10, n. 3, p. 234–247, 2017. DOI: 10.5216/ag.v10i3.22675. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/ateliê/article/view/22675>. Acesso em: 14 out. 2021.

BORGES, Júlio César. **Fazenda-roça goiana: matriz espacial do território e do sertanejo goiano**. 2016. Tese (Doutorado em Geografia) Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

CANEDO, Rogério Max. **O Papel da Poesia na Representação Social e Histórica do Homem**. Brasília: Linguagens & Letramentos, v1 nº 2, 2016.

CHAUL, Nasr F. **Caminhos de Goiás: da construção da “decadência” aos limites da “modernidade”**. Goiânia: Ed. da UFG/Ed. da UCG, 1997.

CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. 20. ed. São Paulo: Global, 2001.

ÉLIS, Bernardo. **Primeira Chuva**. 2. Ed. Goiânia: Editora do Autor Goiano, 1971.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**, 50ª edição. Global Editora. 2005.

GONÇALVES, R. J. de A. F. **Cascalhos inclementes: Garimpo e violência no conto sua alma sua palma, de Bernardo Élis**. Universidade Federal de Goiás, 2016.

HAESBAERT, Rogerio. **Território e descolonialidade: sobre o giro (multi)territorial/de(s)colonial na “América Latina”**. Buenos Aires, Buenos Aires: CLACSO. 2021.

LIMA, Osmar da Silva. **As prostitutas dos Becos de Goiás**. Brasília. Revista Intercambio dos Congressos Internacionais de Humanidades. n. 6, 2016.

MARANDOLA Jr. Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista (Orgs.). **Geografia e literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação**. Londrina: EDUEL, 2010. 354 p.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**, São Paulo: Editora Ática. 1993.

RATZEL, F. **O SOLO, A SOCIEDADE E O ESTADO**. Revista do Departamento de Geografia, [S. l.], v. 2, p. 93-101, 2011. DOI: 10.7154/RDG.1983.0002.0008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/47081>. Acesso em: 14 out. 2021.

REBELO, Péricles Xavier. **Goiás, usos e costumes**. Goiânia: DEC, 1987.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem à Província de Goiás**. Belo Horizonte, DEC, 1937.

SARAIVA, A. J. **Narrativa literária: aspectos composicionais e significações in: Literatura e alfabetização. Do plano do choro ao plano da ação**. Porto Alegre: Artmed, 2001 p. 51 -58.

SILVA, Martiniano J. **Sombra dos quilombos**. Goiânia: Ed. Barão de Itararé/Ed. Cultura Goiana, 1974.

SUZUKI, Júlio Cesar. **O Poeta, a cidade e o esfacelamento do indivíduo na modernidade: uma leitura de “A rosa do povo” in Geografia e literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação**. Londrina: EDUEL, 2010. p. 243 a 257.

SOBRE O AUTOR

Wanderson Alves Barbosa

Escritor. Professor. Pesquisador. Graduado em Direito e Filosofia. Especialista em Docência do Ensino Superior. Membro do Instituto Cultural e Educacional Bernardo Élis Para os Povos do Cerrado cadeira nº 50 patrono Cora Coralina. Imortal da Academia de Letras e Artes de Anicuns Cadeira nº2 patrono Cruz e Souza. Membro do Grupo Espaço, Sujeito e Existência (Dona Alzira – UFG).

Recebido em setembro de 2021

Aceito para publicação em novembro de 2021

Publicado em novembro de 2021